

limites da fundação

isaac asimov

Tradução de Jorge Colaço



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



**DEDICADO
A BETTY
PRASHKER, QUE
INSISTIÓ, E A
LESTER DEL REY,
QUE FRANZIU
O MARIÉ.**



PRÓLOGO	11
1. CONSELHEIRO	15
2. PRESIDENTE	35
3. HISTORIADOR	50
4. ESPAÇO	71
5. ORADOR	88
6. TERRA	109
7. AGRICULTOR	127
8. AGRICULTORA	143
9. HIPERESPAÇO	163
10. MESA	176
11. SAYSHELL	202
12. AGENTE	216
13. UNIVERSIDADE	245
14. AVANTE!	271
15. GAIA-S	294
16. CONVERGÊNCIA	309
17. GAIA	334
18. COLISÃO	364
19. DECISÃO	384
20. CONCLUSÃO	404
POSFÁCIO DO AUTOR	423



PRÓLOGO

O Primeiro Império Galáctico estava em queda. Entrara em decadência e em rutura havia séculos e apenas um único homem compreendera o facto integralmente.

Era Hari Seldon, o último grande cientista do Primeiro Império, e foi ele que aperfeiçoou a psico-história — a ciência do comportamento humano reduzida a equações matemáticas.

O ser humano individual é imprevisível, mas Seldon descobriu que as reações das multidões humanas poderiam ser tratadas estatisticamente. Quanto maior a multidão, maior a exatidão que poderia ser obtida. E a dimensão das massas humanas com que Seldon trabalhou era nada menos a totalidade da população que habitava os milhões de mundos da Galáxia.

As equações de Seldon disseram-lhe que, entregue a si próprio, o Império cairia e que passariam trinta mil anos de miséria e agonia humanas antes que um Segundo Império se erguesse das ruínas. E, no entanto, algumas das condições existentes poderiam ser ajustadas de modo que o Interregno fosse diminuído para um único milénio — apenas um milhar de anos.

Foi para garantir isso que Seldon instalou duas colónias de cientistas a que chamou «Fundações». Com intenção deliberada, instalou-as «em extremidades opostas da Galáxia». A Primeira Fundação, que se centrava na ciência física, foi instalada à luz plena da publicidade. A existência da outra, a Segunda Fundação, um mundo de cientistas psico-históricos e «mentalistas», foi afogada no silêncio.

Na *Trilogia da Fundação* é contada a história dos primeiros quatro séculos do Interregno. A Primeira Fundação (vulgarmente conhecida apenas por «A Fundação», uma vez que a existência de uma outra era desconhecida

LIMITES DA FUNDAÇÃO

de quase toda a gente) começou como uma pequena comunidade perdida no vazio da Periferia Exterior da Galáxia. Periodicamente, enfrentava uma crise, na qual as variáveis das relações humanas — e das correntes sociais e económicas do tempo — se apertavam à sua volta. A sua liberdade de movimento residia apenas ao longo de uma certa linha e, quando se movimentava nessa direção, um novo horizonte de desenvolvimento se abria diante dela. Tudo fora planeado por Hari Seldon, que morrera já há muito tempo. A Primeira Fundação, com a sua ciência superior, assumiu o controlo dos planetas barbarizados que a rodeavam. Enfrentou os anárquicos senhores da guerra que rompiam com o Império moribundo e venceu-os. Enfrentou o remanescente do próprio Império sob o governo do seu último imperador forte e do seu último general forte e venceu-o.

Parecia que o «Plano Seldon» progredia sem obstáculos e que nada impediria o estabelecimento do Segundo Império no momento previsto — e com um mínimo de devastação intermédia.

Mas a psico-história é uma ciência estatística. Existe sempre uma pequena probabilidade de alguma coisa correr mal, e alguma coisa correu mal — uma coisa que Hari Seldon não poderia ter previsto. Um homem, chamado o Mula, surgiu do nada. Possuía poderes mentais numa Galáxia em que eles faltavam. Conseguia modelar as emoções dos homens e moldar as suas mentes de forma a que os seus oponentes mais ardorosos fossem transformados nos seus servidores mais devotos. Os exércitos não poderiam, e não *iriam*, lutar contra ele. A Primeira Fundação caiu e o Plano Seldon parecia jazer em ruínas.

Restava a misteriosa Segunda Fundação, que fora apanhada desprevenida pelo súbito aparecimento do Mula, mas que estava agora, lentamente, a preparar um contra-ataque. A sua maior defesa era o facto de a sua localização ser desconhecida. O Mula procurou-a de modo a poder completar a sua conquista da Galáxia. Os fiéis ao que restava da Primeira Fundação procuraram-na para obter ajuda. Nenhum deles a encontrou. O Mula foi detido, primeiro por ação de uma mulher, Bayta Darell, e isso fez com que a Segunda Fundação ganhasse tempo para organizar a ação devida para deter o Mula permanentemente. Lentamente, prepararam-se para restabelecer o Plano Seldon.

Mas, de certa forma, a proteção da Segunda Fundação desaparecera. A Primeira Fundação sabia da existência da Segunda, e a Primeira não queria um futuro no qual fossem supervisionados pelos mentalistas. A Primeira Fundação era superior em termos de força física, enquanto a Segunda

Fundação via a sua ação dificultada, não apenas por esse facto, mas por ter por diante uma dupla tarefa: não só tinha de deter a Primeira Fundação, como também tinha de reconquistar o seu anonimato.

Isto a Segunda Fundação conseguiu fazer, sob o comando do seu maior «Primeiro Orador», Preem Palver. Foi permitido à Primeira Fundação parecer ter vencido, parecer ter derrotado a Segunda Fundação, e seguiu em frente, obtendo cada vez maior força na Galáxia, mas ignorando por completo que a Segunda Fundação ainda existia.

Passaram agora quatrocentos e noventa e oito anos após o surgimento da Primeira Fundação. Ela está no auge da sua força, mas um homem não aceita as aparências...



1 - C O N S E L H E I R O



Eu não acredito, é claro — disse Golan Trevize, de pé sobre os largos degraus do Salão Seldon e olhando sobre a cidade lá fora, que cintilava à luz do sol.

Terminus era um planeta ameno, com um rácio elevado de água e terra. A introdução do controlo do clima tornava-o ainda mais confortável e consideravelmente menos interessante, pensava Trevize com frequência.

— Não acredito em nada disso — repetiu ele, e sorriu. Os seus dentes regulares e brancos resplandeceram no seu rosto jovem.

O seu companheiro e amigo Conselheiro, Munn Li Compor, que adotara um nome intermédio em desafio à tradição de Terminus, abanou a cabeça com embaraço.

— Em que é que não acreditas? Que salvámos a cidade?

— Oh, nisso acredito. Salvámos, não salvámos? E Seldon disse que

LIMITES DA FUNDAÇÃO

iríamos fazê-lo, e disse que teríamos *razão* em fazê-lo, e que ele sabia disso tudo há cerca de cinco séculos.

Compor baixou o tom da voz e disse quase num sussurro:

— Olha, não me importo que fales assim comigo, porque eu tomo isso apenas como conversa, mas não grites isso em ajuntamentos onde outros oiçam e, francamente, não quero estar ao pé de ti quando o raio cair. Não tenho a certeza de quão certa será a pontaria.

O sorriso de Trevize não vacilou. Disse:

— Há algum mal em dizer que a cidade está salva? E que a salvámos sem uma guerra?

— Não havia ninguém com quem lutar — disse Compor. O seu cabelo era amarelo-manteiga, os olhos, azul-céu, e resistia sempre ao impulso de alterar aqueles tons fora de moda.

— Nunca ouviste falar de guerra civil, Compor? — disse Trevize. Era alto, tinha o cabelo negro, suavemente ondulado, e tinha o hábito de andar com os polegares presos na faixa de tecido macio que usava sempre.

— Uma guerra civil por causa da localização da capital?

— O problema foi suficiente para desencadear uma Crise de Seldon. Ele destruiu a carreira política de Hannis. Pôs-te a ti e a mim no Conselho na última eleição, e a questão continua a pairar... — torceu uma mão lentamente para trás e para a frente, como uma balança que oscila até ficar nivelada.

Deteve-se sobre os degraus, ignorando os outros membros do governo e dos média, bem como os tipos sociais da moda que por malas-artes tinham obtido um convite para assistir ao regresso de Seldon (ou o regresso da sua imagem, em qualquer caso).

Iam todos a descer as escadas a falar, a rir, a vangloriar-se da correção de tudo e a gozar o calor da aprovação de Seldon.

Trevize manteve-se imóvel e deixou que a multidão passasse por ele. Compor, tendo-se adiantado dois degraus, deteve-se — um cordão invisível estendido entre eles. Disse:

— Não vens?

— Não há pressa. Não começarão a reunião do Conselho até a Presidente Branno ter revisto a situação do seu habitual modo moroso, uma sílaba de cada vez. Não tenho nenhuma pressa de ir aturar mais um pesado discurso. Olha para a cidade!

— Estou a vê-la. Também a vi ontem.

— Sim, mas viste-a há quinhentos anos, quando foi fundada?

— Quatrocentos e noventa e oito — corrigiu-o Compor, automaticamente. — Daqui a dois anos, terão a celebração do meio milénio e a Presidente Branno ainda estará no cargo nessa altura, exceto se ocorrer alguma coisa de escassa probabilidade, esperamos.

— Esperamos — disse Trevize, secamente. — Mas como é que foi há quinhentos anos, quando foi fundada? Uma cidade! Uma pequena cidade ocupada por um grupo de homens que preparavam uma Enciclopédia que nunca foi terminada!

— Claro que foi terminada.

— Estás-te a referir à Enciclopédia Galáctica que temos agora? O que nós temos não é aquilo em que eles estavam a trabalhar. A que temos está num computador e é revista diariamente. Alguma vez viste o original incompleto?

— O que está no Museu Hardin?

— O Museu das Origens Salvor Hardin. Digamos o seu nome todo, por favor, uma vez que és tão cuidadoso com as datas exatas. Já olhaste para ele?

— Não. Deveria?

— Não, não vale a pena. Mas, de qualquer modo, ali estavam eles, um grupo de Enciclopedistas que formavam o núcleo de uma cidade, uma pequena cidade num mundo virtualmente sem metais, em volta de um sol isolado do resto da Galáxia, no limite, mesmo no limite. E, agora, quinhentos anos depois, somos um mundo suburbano. Todo o local é um parque imenso, com todo o metal que quisermos. Agora estamos no centro de tudo!

— Na verdade, não — disse Compor. — Continuamos em volta de um sol isolado do resto da Galáxia. E continuamos a estar mesmo no limite da Galáxia.

— Ah não, estás a dizer isso sem pensar. Essa foi a questão fundamental desta pequena Crise de Seldon. Somos mais do que o mundo singular de Terminus. Somos a Fundação, que estende os seus tentáculos por toda a Galáxia e governa essa Galáxia desde a sua posição mesmo no limite. Podemos fazê-lo porque *não* estamos isolados, exceto em termos de posição, e isso não conta.

— Está bem. Vou aceitar isso. — Compor estava claramente desinteressado e desceu mais um degrau. O cordão invisível entre eles esticou-se ainda mais.

Trevize estendeu uma mão como se fosse puxar o seu companheiro de novo para cima.

LIMITES DA FUNDAÇÃO

— Não vês o significado, Compor? Existe esta enorme mudança, mas nós não a aceitamos. No fundo do coração, queremos a pequena Fundação, a operação à escala do pequeno mundo único que tínhamos nos velhos tempos, os tempos dos heróis de ferro e dos nobres santos que desapareceram para sempre.

— Ora, vamos lá!

— A sério. Olha o Salão Seldon. No princípio, nas primeiras crises, no tempo de Salvor Hardin, era apenas a Cripta do Tempo, um pequeno auditório no qual aparecia a imagem holográfica de Seldon. E isso era tudo. Agora é um mausoléu colossal, mas há no local alguma rampa de campo de forças? Uma passagem deslizante? Um elevador gravítico? Não, apenas estes degraus, e nós descemos e subimos por eles como Hardin teria tido de fazer. Em tempos estranhos e imprevisíveis, agarramo-nos ao passado com medo.

Lançou o braço para diante com paixão.

— Há aqui algum componente estrutural que seja de metal? Nem um. Não seria adequado ter algum, uma vez que no tempo de Salvor Hardin não havia nenhum metal originário daqui e praticamente nenhum importado. Instalámos até o velho plástico, que se tornou rosado com o tempo, quando construímos esta imensa pilha, para que os visitantes de outros mundos pudessem deter-se e dizer: «Galáxia! Que velho plástico encantador!» Digo-te, Compor, é uma impostura.

— Então, é nisto que não acreditas, no Salão Seldon?

— E todo o seu conteúdo — disse Trevize num sussurro feroz. — Não creio realmente que faça qualquer sentido estarmos aqui escondidos, no limite do Universo, apenas porque os nossos antepassados o fizeram. Acredito que deveríamos estar lá fora, no meio de todas as coisas.

— Mas Seldon diz que estás errado. O Plano Seldon está a funcionar como deveria.

— Eu sei. Eu sei. E todas as crianças em Terminus crescem na convicção de que Hari Seldon formulou um Plano, que previu tudo há cinco séculos, que instalou a Fundação de forma a poder localizar determinadas crises, e que a sua imagem haveria de aparecer holograficamente durante essas crises e dizer-nos o mínimo que tínhamos de saber para continuarmos até à crise seguinte, e assim guiar-nos ao longo de mil anos de história até podermos construir em segurança um Segundo e Maior Império Galáctico sobre as ruínas da velha e decrépita estrutura que se estava a desfazer há cinco séculos e que se desintegrou completamente há cerca de dois séculos.

— Porque me estás a dizer tudo isso, Golan?

— Porque te estou a dizer que é uma impostura. É *tudo* uma impostura. Ou se era real no início, agora é uma impostura! Nós não somos senhores de nós próprios. Não somos *nós* que seguimos o Plano.

Compor olhou o outro, inquisitivamente.

— Já disseste coisas semelhantes anteriormente, Golan, mas sempre pensei que apenas me dizias coisas ridículas para me picares. Pela Galáxia, na verdade acho que estás a falar a sério.

— Claro que estou a falar a sério!

— Não podes estar. Ou isto é alguma espécie de piada complicada às minhas custas ou não estás bom da cabeça.

— Nem uma coisa nem outra. — disse Trevize, agora calmo, prendendo os polegares na sua faixa como se já não precisasse dos gestos das mãos para sublinhar a veemência. — Especulei sobre isso anteriormente, admito, mas isso era apenas intuição. Contudo, a farsa desta manhã, aqui, tornou tudo subitamente muito claro para mim e tenciono, por minha vez, torná-lo muito claro para o Conselho.

Compor disse:

— *Estás doido!*

— Está bem. Vem comigo e ouve.

Os dois desceram as escadas. Eram os únicos que restavam — os últimos a terminar a descida. E quando Trevize se moveu ligeiramente para diante, Compor moveu os lábios silenciosamente, lançando mudamente uma palavra na direção das costas do outro. — Idiota!



A presidente Harla Branno deu a sessão do Conselho Executivo por iniciada. Olhara sem nenhum sinal visível de interesse para o conjunto de pessoas reunidas; no entanto, ninguém duvidou que ela notara todos os que estavam presentes e todos os que ainda não tinham chegado.

O seu cabelo cinzento estava cuidadosamente arranjado num estilo que não era marcadamente feminino, nem imitação do masculino. Era simplesmente *a* forma como ela o usava, nada mais. O seu rosto prosaico

LIMITES DA FUNDAÇÃO

não era notável pela sua beleza, mas de algum modo nunca era beleza o que nele se procurava.

Ela era a administradora mais capaz do planeta. Ninguém poderia, nem ninguém o fez, acusá-la do brilho de Salvor Hardin e de Hober Mallow, cujas histórias animavam os primeiros dois séculos de existência da Fundação, mas também ninguém a poderia associar às loucuras da sucessão de Indburs que tinham governado a Fundação no período imediatamente anterior ao tempo do Mula.

Os seus discursos não excitavam as mentes dos homens, nem ela tinha o dom do gesto dramático; mas tinha uma capacidade para tomar decisões serenamente e manter-se fiel a elas enquanto estivesse convencida de que tinha razão. Sem qualquer carisma óbvio, tinha jeito para persuadir os votantes de que aquelas decisões serenas *seriam* acertadas.

Uma vez que, pela doutrina Seldon, a mudança histórica é em grande parte difícil de desviar (bloqueando sempre o imprevisível, uma coisa que a maior parte dos Seldonistas esqueciam, apesar do doloroso incidente do Mula), a Fundação poderia ter conservado a sua capital em Terminus sob quaisquer circunstâncias. Isto é um «poderia», contudo. Seldon, na sua recém-terminada aparição como simulacro de quinhentos anos de idade, tinha calmamente colocado a probabilidade de permanecer em Terminus nos 87,2 por cento. No entanto, até mesmo para os Seldonistas, isso significava que havia 12,8 por cento de hipóteses de que a mudança para algum ponto mais próximo do centro da Federação da Fundação poderia ter sido feita, com todas as consequências terríveis que Seldon tinha salientado. Que esta hipótese, numa proporção de um para oito, não tivesse ocorrido foi seguramente devido à Presidente Branno.

Era certo que ela não o teria permitido. Ao longo de períodos de considerável impopularidade, ela mantivera a sua decisão de que Terminus era a sede tradicional da Fundação e que lá haveria de permanecer. Os seus inimigos políticos tinham caricaturado o seu robusto maxilar (com alguma eficácia, tinha de se reconhecer) como um bloco de granito suspenso.

E agora Seldon tinha apoiado o seu ponto de vista e, pelo menos por enquanto, isso dar-lhe-ia uma vantagem política esmagadora. Contava-se que ela tinha dito um ano antes que, se a próxima aparição de Seldon *de facto* a apoiasse, ela consideraria a sua tarefa concluída com sucesso. Retirar-se-ia, então, e assumiria um papel senatorial de veterana em vez de arriscar os resultados duvidosos de mais guerras políticas.

Ninguém acreditara realmente nela. Sentia-se como peixe na água nas guerras políticas a um ponto que poucos antes dela se tinham sentido e, agora que a imagem de Seldon tinha vindo e ido embora, não havia qualquer indício de que tencionasse retirar-se.

Falou numa voz perfeitamente clara com um declarado sotaque da Fundação (servira um dia como Embaixadora em Mandress, mas não adotara o velho estilo de discurso imperial que agora estava tão na moda — e fazia parte do que tinha sido um impulso quase-imperial para as Províncias do Interior).

Disse:

— A Crise de Seldon chegou ao fim e é tradição, e uma tradição sábia, que não haverá represálias de nenhum género, quer por atos, quer por palavras, contra aqueles que apoiaram o lado errado. Muita gente honesta acreditou que tinha boas razões para querer o que Seldon não queria. Não faz sentido humilhar essas pessoas até ao ponto de elas apenas conseguirem recuperar o respeito por si próprias denunciando o próprio Plano Seldon. Por sua vez, é um costume, sólido e desejável, que aqueles que apoiaram o lado vencido aceitem a derrota de boa vontade e sem mais discussão. A questão ficou ultrapassada, dos dois lados, para sempre.

Deteve-se um instante, fitando francamente os rostos reunidos por um momento, e depois continuou:

— Passou metade do tempo, membros do Conselho, metade do período de mil anos entre Impérios. Foi um tempo de dificuldades, mas percorremos um longo caminho. Na verdade, somos já quase um Império Galáctico e não restam quaisquer inimigos externos de monta.

» O Interregno teria durado trinta mil anos, se não fosse o Plano Seldon. Após trinta mil anos de desintegração, poderia não restarem forças com as quais formar novamente um Império. Poderiam restar unicamente mundos isolados e provavelmente moribundos.

» O que hoje temos, devemos-lo a Hari Seldon, e é na sua mente, há muito morta, que devemos confiar para o resto. O perigo, daqui em diante, senhores Conselheiros, somos nós próprios, e a partir deste momento não deve haver oficialmente dúvidas sobre o valor do Plano. Concordemos, agora, serena e firmemente, que não existem oficialmente dúvidas, críticas ou condenações do Plano. Devemos apoiá-lo inteiramente. Ele provou o seu valor ao longo de cinco séculos. Ele constituiu a segurança da Humanidade e não deve ser manipulado ou adulterado. Estamos de acordo?

Houve um rumor silencioso. A Presidente mal levantou os olhos

LIMITES DA FUNDAÇÃO

para procurar prova visual do acordo. Ela conhecia todos os membros do Conselho e sabia como cada um reagiria. Na sequência da vitória, não haveria agora nenhuma objeção. No próximo ano, talvez. Não agora. Lidaria com os problemas do próximo ano no próximo ano.

Sempre com a exceção de...

— Controlo do pensamento, Presidente Branno? — perguntou Golan Trevize, descendo a passos largos pelo corredor lateral e falando alto, como para compensar o silêncio dos demais. Não se deu ao trabalho de ocupar o seu lugar, que, sendo ele um novo membro, ficava na fila de trás.

Branno continuou sem levantar os olhos. Disse:

— A sua opinião é, Conselheiro Trevize?

— Que o governo não pode impor a proibição da liberdade de expressão; que todos os indivíduos, incluindo decerto os Conselheiros e Conselheiras que tenham sido eleitos para esse efeito, têm direito a discutir as questões políticas do dia; e que nenhum tema político pode ser dissociado do Plano Seldon.

Branno cruzou as mãos e levantou os olhos. O seu rosto era inexpressivo. Disse:

— Conselheiro Trevize, entrou irregularmente neste debate e passou das marcas ao fazê-lo. Contudo, pedi-lhe para expor o seu ponto de vista e agora irei responder-lhe.

» Não há nenhum limite à liberdade de expressão no contexto do Plano Seldon. É apenas o próprio Plano que nos limita pela sua própria natureza. Pode haver muitas maneiras de interpretar acontecimentos antes de a imagem tomar a decisão final, mas, uma vez a decisão tomada, não pode voltar a ser questionada em Conselho. Nem poderá ser questionada antecipadamente, como se alguém dissesse: «Se Hari Seldon afirmar isto e aquilo, estará errado.»

— E, no entanto, se alguém sentir isso sinceramente, Senhora Presidente?

— Então, esse alguém poderia dizê-lo, no caso de ser um indivíduo privado que discute o assunto num contexto privado.

— Quer dizer, então, que a limitação à liberdade de expressão que a senhora propõe deve aplicar-se integral e especificamente a funcionários governamentais?

— Exatamente. Esse não é um princípio novo da lei da Fundação. Foi aplicado anteriormente por Presidentes de todos os partidos. Um ponto de vista privado não significa nada; a expressão de uma opinião oficial tem

peso e pode ser perigosa. Não chegamos até este ponto para agora correr-
mos riscos de perigo.

— Posso salientar, Senhora Presidente, que este seu princípio foi apli-
cado, esparsa e ocasionalmente, a atos específicos do Conselho. Nunca foi
aplicado a uma coisa tão vasta e indefinível como o Plano Seldon.

— O Plano Seldon é aquilo que mais precisa de ser protegido, pois é
precisamente aí que o questionamento pode ser mais fatal.

— Não considerará, Presidente Branno... — Trevize virou-se, dirigin-
do-se agora às filas de membros do Conselho sentados, que pareciam todos
e cada um deles ter suspenso a respiração, como se estivessem à espera
do resultado de um duelo. — Não considerarão, membros do Conselho,
que há todas as razões para pensar que não existe, de todo, nenhum Plano
Seldon?

— Todos testemunhámos hoje o seu funcionamento — disse a
Presidente Branno, ainda mais serenamente quando Trevize levantou mais
a voz e empolou mais o discurso.

— É precisamente porque vimos hoje o seu funcionamento, senho-
res Conselheiros e senhoras Conselheiras, que podemos ver que o Plano
Seldon, tal como fomos ensinados a acreditar que ele é, não pode existir.

— Conselheiro Trevize, está a passar das marcas e não deve continuar
a falar nesses termos.

— Tenho o privilégio do cargo, Presidente.

— Esse privilégio foi-lhe retirado, Conselheiro.

— Não me pode retirar o privilégio. A sua declaração a limitar a liber-
dade de expressão não pode, por si mesma, ter força de lei. Não houve ne-
nhum voto formal em Conselho, Presidente, e mesmo que tivesse havido,
eu teria o direito de questionar a sua legalidade.

— A revogação, Conselheiro, não tem nada que ver com a minha de-
claração de proteção ao Plano Seldon.

— Então, ela depende do quê?

— É acusado de traição, Conselheiro. Desejo fazer ao Conselho a cor-
tesia de não o prender dentro da Câmara do Conselho, mas à porta estão
membros da Segurança à sua espera, que o levarão sob custódia quando
sair. Pedir-lhe-ei agora para sair calmamente. Se fizer qualquer movimento
insensato, então, é claro, isso será considerado um perigo real e a Segurança
entrará na Câmara. Confio em que não tornará tal coisa necessária.

Trevize franziu o cenho. Fez-se um completo silêncio na sala. (Será
que toda a gente estava à espera disto — toda a gente exceto ele e Compor?)

LIMITES DA FUNDAÇÃO

Olhou para trás, para a saída. Não disse nada, mas não tinha qualquer dúvida de que a Presidente Branno não estava a brincar.

Gaguejou, com raiva:

— Eu repre... represento um círculo eleitoral importante, Presidente Branno.

— Sem dúvida, vão ficar desapontados consigo.

— Com base em que provas avança com esta acusação louca?

— Isso surgirá na devida altura, mas esteja seguro de que temos tudo o que precisamos. Você é um jovem muito indiscreto e deveria perceber que uma pessoa pode ser sua amiga e, no entanto, não estar disposta a acompanhá-lo na traição.

Trevize rodopiou para encarar os olhos azuis de Compor. Estes fitaram-no glacialmente.

A Presidente Branno disse calmamente:

— São todos testemunhas de que, quando fiz a minha última afirmação, o Conselheiro Trevize se virou para olhar o Conselheiro Compor. Agora, vai sair, Conselheiro, ou vai obrigar-nos a cair na indignidade de o prender no interior da Câmara.

Golan Trevize virou-se, subiu novamente os degraus e, à porta, dois homens de uniforme, bem armados, foram colocar-se junto dele, um de cada lado.

E Harla Branno, olhando impassivelmente na sua direção, sussurrou por entre os lábios quase cerrados:

— Idiota!



Liono Kodell fora Diretor de Segurança ao longo de toda a administração da Presidente Branno. Não era um trabalho árduo, como ele gostava de dizer, mas se estava ou não a mentir, ninguém poderia, é claro, dizer. Não tinha aspeto de mentiroso, mas isso não significava necessariamente nada.

Parecia agradável e amigoso, e poderia bem ser que isso fosse o adequado para o trabalho. Tinha uma altura bastante abaixo da média, um peso bastante acima da média, usava um bigode farfalhudo (muito pouco

usual num cidadão de Terminus) que era agora mais branco do que cinzento, tinha olhos castanhos e brilhantes, e uma característica mancha de cor primária marcava o bolso exterior do peito do seu macacão pardo. Disse:

— Sente-se, Trevize. Vamos lá manter isto numa base amistosa, se pudermos.

— Amistosa? Com um traidor? — Trevize enganchou os polegares na sua faixa e permaneceu de pé.

— Com alguém *acusado* de ser traidor. Ainda não chegámos ao ponto em que uma acusação, mesmo feita pela própria Presidente, seja equivalente a uma condenação. Confio que nunca chegaremos aí. O meu trabalho é ilibá-lo, se puder. Preferiria de longe fazê-lo agora enquanto nada de mal aconteceu, exceto para o seu orgulho, do que ser obrigado a tornar tudo um caso de julgamento público. Espero que esteja comigo nisto.

Trevize não amoleceu. Disse:

— Não se incomode com simpatias. O seu trabalho é atormentar-me como se eu fosse um traidor. Não o sou, e lamento ser obrigado a ter a necessidade de demonstrar isso mesmo até você ficar satisfeito. Por que razão você não haveria de ter de provar a *sua* lealdade até *eu* ficar satisfeito?

— Nenhuma, em princípio. Contudo, o triste facto é que eu tenho o poder do meu lado, e você não tem nenhum. Por causa disso, é privilégio meu interrogar, e não seu. Se por acaso alguma suspeita de deslealdade ou traição caísse sobre mim, imagino que me veria substituído, e seria então interrogado por outra pessoa, que, espero sinceramente, não me trataria pior do que eu tenciono tratá-lo a si.

— E como tenciona tratar-me?

— Como, espero bem, um amigo e um igual, se me tratar a mim da mesma maneira.

— Ofereço-lhe uma bebida? — perguntou Trevize, acidamente.

— Mais tarde, talvez, mas por agora, por favor, sente-se. Peço-lho como amigo.

Trevize hesitou, depois sentou-se. Subitamente qualquer outro desafio lhe pareceu sem sentido.

— E agora? — disse ele.

— Agora, posso pedir-lhe para responder às minhas perguntas com verdade, integralmente e sem evasivas?

— E se não o fizer? Qual é a ameaça por trás disso? Uma Sonda Psíquica?

— Espero que não.

LIMITES DA FUNDAÇÃO

— Também espero que não. Não com um membro do Conselho. Ela não revelará nenhuma traição, e quando, então, for absolvido, farei rolar a sua cabeça política e talvez a da Presidente também. Quase poderia valer a pena fazê-lo tentar uma Sonda Psíquica.

Kodell franziu o cenho e abanou ligeiramente a cabeça.

— Oh não. Oh não. Há demasiado perigo de danos cerebrais. Por vezes, a recuperação é lenta, e não iria valer a pena. Definitivamente. Sabe, por vezes, quando a Sonda é utilizada num exaspero...

— Uma ameaça, Kodell?

— Uma constatação do facto, Trevize... Não me entenda mal, Conselheiro. Se eu tiver de usar a Sonda, usarei, e mesmo que você esteja inocente, não terá qualquer recurso.

— O que quer saber?

Kodell ligou um interruptor sobre a secretária diante dele. Disse:

— O que eu perguntar e aquilo que você responder às minhas perguntas será gravado, em imagem e som. Não quero nenhuma declaração voluntária suas, ou alguma coisa indiferente. Não nesta altura. Compreende isso, tenho a certeza.

— Compreendo que gravará apenas o que lhe agrada — disse Trevize, com desprezo.

— Isso é verdade, mas, de novo, não me entenda mal. Não distorcerei nada do que disser. Utilizá-lo-ei ou não, é tudo. Mas você saberá aquilo que não utilizarei e não me fará perder o meu tempo e o seu.

— Veremos.

— Temos razões para pensar, Conselheiro Trevize — e de algum modo o toque adicional de formalidade na sua voz era prova suficiente de que estava a gravar —, de que afirmou abertamente, e num certo número de ocasiões, que não acredita na existência do Plano Seldon.

Trevize disse lentamente:

— Se eu disse isso tão abertamente, e num certo número de ocasiões, do que precisa mais?

— Não percam tempo com charadas, Conselheiro. Sabe que aquilo que eu quero é uma admissão aberta, na sua própria voz, caracterizada pelo seu registo gráfico próprio, sob condições em que claramente tem o pleno controlo de si próprio.

— Porque, suponho, o uso de qualquer efeito hipnótico, químico ou outro qualquer, alteraria os registos gráficos da voz?

— De forma bastante notória.

— E está ansioso por demonstrar que não utilizou quaisquer métodos ilegais no interrogatório a um membro do Conselho? Não o censuro.

— Fico contente por não me censurar, Conselheiro. Continuemos, então. Você afirmou abertamente, e num certo número de ocasiões, que não acredita na existência do Plano Seldon. Admite isto?

Trevize disse, lentamente, escolhendo as palavras:

— Não acredito que aquilo a que chamamos Plano Seldon tenha o significado que habitualmente lhe atribuímos.

— Uma declaração vaga. Não se importa de desenvolver?

— A minha opinião é que a noção usual de que Hari Seldon, há quinhentos anos, utilizando a ciência matemática da psico-história, vislumbrou o curso dos acontecimentos humanos até ao mais pequeno detalhe e que estamos a seguir um rumo concebido para nos levar do Primeiro Império Galáctico ao Segundo Império Galáctico segundo os termos da máxima probabilidade, é ingénua. Não pode ser assim.

— Quer dizer que, na sua opinião, Hari Seldon nunca existiu?

— Nada disso. É claro que existiu.

— Que ele nunca desenvolveu a ciência da psico-história?

— Não, é claro que não quero dizer tal coisa. Veja, Diretor, eu teria explicado isto ao Conselho se mo tivessem permitido, e explicar-lhe-ei a si. A verdade do que eu vou dizer é tão evidente...

O Diretor de Segurança tinha, silenciosa e muito obviamente, desligado o aparelho de gravação.

Trevize deteve-se e franziu o cenho.

— Porque fez isso?

— Está a fazer-me perder tempo, Conselheiro. Não lhe estou a pedir para me fazer palestras.

— Está a pedir-me para lhe explicar os meus pontos de vista, não é verdade?

— Nada disso. Estou a pedir-lhe para responder a perguntas, de forma simples, direta e franca. Responda só às perguntas e não ofereça nada que eu não lhe peça. Faça isso e isto não demorará muito tempo.

Trevize disse:

— Quer dizer, extrair-me declarações que irão reforçar a versão oficial sobre aquilo que eu supostamente fiz.

— Apenas lhe pedimos para fazer declarações verdadeiras, e garantto-lhe que não as distorceremos. Por favor, deixe-me tentar novamente. Estávamos a falar acerca de Hari Seldon.

LIMITES DA FUNDAÇÃO

O aparelho de gravação estava uma vez mais em ação e Kodell repetiu calmamente:

— Que ele nunca desenvolveu a ciência da psico-história?

— É claro que desenvolveu a ciência a que nós chamamos psico-história — respondeu Trevize, não conseguindo disfarçar a sua impaciência e gesticulando com veemente exaspero.

— Que você definiria... como?

— Galáxia! É habitualmente definida como aquele ramo da matemática que lida com as reações gerais de grandes grupos de seres humanos a determinados estímulos sob determinadas condições. Por outras palavras, supostamente prediz mudanças sociais e históricas.

— Você diz «supostamente». Põe isso em causa do ponto de vista do conhecimento matemático?

— Não — disse Trevize. — Não sou psico-historiador. Nem o é nenhum membro do governo da Fundação, nem nenhum cidadão de Terminus, nem nenhum...

Kodell ergueu a mão. Disse, com suavidade:

— Senhor Conselheiro, por favor!

E Trevize ficou em silêncio.

Kodell disse:

— Tem alguma razão para supor que Hari Seldon não fez a necessária análise que combinaria, tão eficientemente quanto possível, os fatores de probabilidade máxima e duração mais curta no caminho que leva do Primeiro ao Segundo Império via Fundação?

— Não estava lá — disse Trevize, ironicamente. — Como posso saber?

— Pode saber que não o fez?

— Não.

— Nega, talvez, que a imagem holográfica de Hari Seldon que apareceu durante cada uma das crises históricas, ao longo dos últimos quinhentos anos, seja realmente uma reprodução do próprio Hari Seldon, feita no último ano da sua vida, muito pouco tempo antes do estabelecimento da Fundação?

— Suponho que não posso negar isso.

— Você «supõe». Importar-se-ia de dizer que é uma fraude, uma farsa inventada por alguém no passado com um determinado propósito?

Trevize suspirou.

— Não. Não sustento isso.

— Está preparado para sustentar que as mensagens que Hari Seldon entrega são de alguma forma manipuladas por alguém?

— Não... Não tenho qualquer razão para pensar que uma tal manipulação seja possível ou útil.

— Estou a ver. Você testemunhou esta aparição mais recente da imagem de Seldon. Achou que a sua análise, preparada há cinco séculos, não corresponde rigorosamente às condições reais e concretas de hoje?

— Pelo contrário — disse Trevize com súbito contentamento. — Corresponde muito rigorosamente.

Kodell pareceu indiferente à emoção do outro.

— E, no entanto, Conselheiro, após a aparição de Seldon, continua a manter que o Plano Seldon não existe.

— Claro que sim. Mantenho que ele não existe precisamente *porque* a análise corresponde tão perfeitamente...

Kodell desligara o gravador.

— Conselheiro — disse ele, sacudindo a cabeça —, você está a pôr-me na situação de ter de apagar. Pergunto-lhe se ainda mantém esta sua crença estranha e você começa a dar-me razões. Deixe-me repetir a minha pergunta. — Voltou a dizer: — E, no entanto, Conselheiro, após a aparição de Seldon, continua a manter que o Plano Seldon não existe.

— Como é que sabe disso? Ninguém teve oportunidade de falar com o meu amigo informador, Compor, depois da aparição.

— Digamos que adivinhámos, Conselheiro. E digamos que você já respondeu «Claro que sim». Se você disser isto mais uma vez sem acrescentar informação não pedida, podemos prosseguir com isto.

— Claro que sim — disse Trevize, ironicamente.

— Bem — disse Kodell —, escolherei o «Claro que sim» que me parecer mais natural. Obrigado, Conselheiro — e o aparelho de gravação foi novamente desligado.

Trevize disse:

— É tudo?

— Para o que eu preciso, sim.

— Do que você precisa é, muito claramente, de um conjunto de perguntas e respostas que possa apresentar a Terminus e a todos aqueles que a Federação da Fundação governa, para mostrar que eu aceito totalmente a lenda do Plano Seldon. Isso fará com que qualquer retratação que eu venha a fazer mais tarde pareça quixotesca ou completamente insana.

— Ou até traiçoeira aos olhos de uma multidão excitada que veja o plano como essencial para a segurança da Fundação. Não será talvez necessário publicitar isto, Conselheiro Trevize, se conseguirmos chegar a algum

LIMITES DA FUNDAÇÃO

entendimento, mas, se se revelar necessário, encarregar-nos-emos de que chegue aos ouvidos da Fundação.

— O senhor é suficientemente idiota — disse Trevize, franzindo a testa — para não ter qualquer interesse no que eu realmente tenho a dizer?

— Enquanto ser humano, estou muito interessado, e se o momento adequado surgir, ouvi-lo-ei com interesse e alguma porção de ceticismo. Enquanto Diretor de Segurança, contudo, tenho, no momento presente, exatamente aquilo que quero.

— Espero que saiba que isto não trará, a si e à Presidente, nada de bom.

— Bastante estranhamente, não sou nada dessa opinião. Agora, ir-se-á embora. Sob custódia, é claro.

— Para onde vou ser levado?

Kodell apenas sorriu.

— Adeus, Conselheiro. Não foi completamente cooperativo, mas seria pouco realista ter esperado que fosse.

Estendeu a mão.

Trevize, levantando-se, ignorou-a. Alisou os vincos da sua faixa e disse:

— Apenas adiou o inevitável. Outros devem pensar o que eu penso agora, ou virão a pensar dessa forma mais tarde. Prender-me ou matar-me vai servir para suscitar interrogações e, eventualmente, acelerar essa forma de pensar. No final, a verdade e eu venceremos.

Kodell recolheu a mão e abanou a cabeça, lentamente.

— Realmente, Trevize — disse ele. — Você é um idiota.



Não foi senão pela meia-noite que dois guardas vieram buscar Trevize àquilo que era, tinha de reconhecer, um quarto luxuoso no Quartel-General da Segurança. Luxuoso, mas trancado. Uma cela de prisão, fosse como fosse que lhe chamassem.

Trevize tinha-se interrogado amargamente ao longo de quatro horas, andando sem descanso de um lado ao outro do soalho durante a maior parte desse período.

Porque tinha confiado em Compor?

Porque não? Ele parecera tão claramente de acordo... Não, não foi isso. Ele parecera tão pronto a aceitar a argumentação. Não, também não fora isso. Parecera tão estúpido, tão facilmente dominável, tão certamente falto de ideias e de opiniões próprias que Trevize aproveitou a oportunidade de o utilizar como uma cómoda caixa-de-ressonância. Compor ajudara Trevize a melhorar e limar as suas opiniões. Fora útil e Trevize confiara nele por nenhuma outra razão que não fosse o facto de ter sido conveniente fazê-lo.

Mas *agora* era inútil tentar decidir se deveria ter compreendido melhor Compor. Deveria ter seguido a simples generalização: Não confiar em ninguém. No entanto, pode alguém avançar na vida sem confiar em ninguém? Claramente, tinha de se confiar em alguém.

E quem teria pensado que Branno teria tido a audácia de arrancar um Conselheiro ao Conselho — e que nem um dos outros Conselheiros moveria um dedo para proteger um dos seus? Embora, no fundo do coração, tivessem discordado de Trevize; embora tivessem estado prontos a apostar o seu sangue, gota por gota, na justeza de Branno; deveriam, ainda assim, em princípio, ter-se interposto contra esta violação da sua prerrogativa. Ela era por vezes chamada Branno de Bronze, e agia decerto com rigor metálico...

A menos que ela própria estivesse já agrilhoada...

Não! Esse caminho levava à paranoia!

E, no entanto...

A sua mente saltitava em círculos e não se libertara de pensamentos inutilmente repetitivos quando os guardas vieram.

— Vai ter de nos acompanhar, Conselheiro — disse o mais velho dos dois com uma gravidade desprovida de emoções. As insígnias mostravam que era tenente. Tinha uma pequena cicatriz do lado direito do rosto, e parecia cansado, como se fizesse aquele trabalho há demasiado tempo e tivesse feito muito pouco — como seria expectável num soldado cujo povo tinha estado em paz havia mais de um século.

Trevize não se mexeu.

— Como se chama, tenente?

— Sou o tenente Evander Sopellor, Conselheiro.

— Compreende que está a violar a lei, tenente Sopellor. Não pode prender um Conselheiro.

O tenente disse:

— Temos ordens diretas, senhor.

LIMITES DA FUNDAÇÃO

— Isso não importa. Não lhe podem ordenar que prenda um Conselheiro. Tem de compreender que, em consequência, poderá ter de responder em tribunal de guerra.

O tenente disse:

— O senhor não está a ser preso, Conselheiro.

— Então não tenho de o acompanhar, pois não?

— Temos instruções para o escoltar até sua casa.

— Eu sei o caminho.

— E para o proteger durante a viagem.

— Do quê? Ou de quem?

— De qualquer multidão que se possa juntar.

— À meia-noite?

— Foi por isso que esperámos pela meia-noite, senhor. E agora, para sua proteção, temos de lhe pedir que venha connosco. Posso dizer-lhe, não como uma ameaça, mas como uma questão de informação, que estamos autorizados a usar a força, se necessário.

Trevize estava consciente de que eles estavam armados com chicotes neuronais. Ergueu-se com o que esperava que fosse dignidade.

— Para minha casa, então... Ou vou descobrir que me vão levar para a prisão?

— Não nos deram instruções para lhe mentir — disse o tenente, ostentando o seu próprio orgulho. Trevize teve a noção de que estava na presença de um profissional que requereria uma ordem direta para mentir e que, mesmo assim, a sua expressão e o seu tom de voz iriam traí-lo.

Trevize disse:

— Peço-lhe perdão, tenente. Não era minha intenção insinuar que duvidava da sua palavra.

Um carro terrestre estava à espera deles lá fora. A rua estava vazia e não havia sinal de qualquer ser humano, quanto mais uma multidão — mas o tenente fora fiel à verdade. Ele não tinha dito que havia uma multidão lá fora ou que se iria formar uma. Ele referira-se a «qualquer multidão que possa juntar-se». Ele apenas dissera «que possa».

O tenente tinha mantido cuidadosamente Trevize entre ele próprio e o carro. Trevize não poderia ter rodopiado e fugido. O tenente entrou imediatamente atrás dele e sentou-se a seu lado no banco de trás.

O carro pôs-se em movimento. Trevize disse:

— Assim que estiver em casa, presumo que posso depois fazer a minha vida livremente... que posso partir, por exemplo, se me apetecer.

— Não temos ordens para interferir consigo, Conselheiro, por nenhuma forma, exceto na medida em que estamos incumbidos de o proteger.

— Na medida em que? O que significa isso, neste caso?

— Tenho instruções para lhe dizer que, uma vez em sua casa, não pode abandoná-la. As ruas não são seguras para si e eu sou responsável pela sua segurança.

— Quer dizer que estou em prisão domiciliária.

— Não sou advogado, Conselheiro. Não sei o que isso significa.

Olhou rigidamente para diante, mas o seu cotovelo tocou o flanco de Trevize. Este não poderia ter-se mexido, por mais ligeiramente que fosse, sem que o tenente tomasse consciência disso.

O carro parou diante da pequena casa de Trevize no subúrbio de Flexner. Naquele momento, não havia ninguém que partilhasse a casa com ele — depois de Flavella se ter cansado da vida errática a que a pertença ao Conselho o obrigara, não tinha a expectativa de que alguém o esperasse.

— Posso sair, agora? — perguntou Trevize.

— Eu saio primeiro, Conselheiro. Nós escoltamo-lo até lá dentro.

— Para minha segurança?

— Sim, senhor.

Havia dois guardas à espera do lado de dentro da porta da frente. Havia uma luz de presença ligada, mas as janelas tinham sido opacificadas e ela não era visível do lado de fora. Por um momento, ficou indignado com a invasão, mas depois descontraiu com um encolher de ombros mental.

Se o Conselho não o podia proteger na própria Câmara do Conselho, seguramente que a sua casa não lhe poderia servir de castelo.

Trevize disse:

— Quantos de vocês estão aqui ao todo? Um regimento?

— Não, Conselheiro — disse uma voz, dura e firme. — Apenas uma pessoa para além dos que está a ver, e eu estou à sua espera há bastante tempo.

Harla Branno, Presidente da autarquia de Terminus, perfilava-se na porta que dava para a sala de estar.

— Há tempo suficiente para que falemos, não acha?

Trevize fitou-a.

— Todo esse palavreado para...

LIMITES DA FUNDAÇÃO

Porém, Branno disse em voz baixa, mas vigorosa:

— Calado, Conselheiro... e vocês quatro, lá para fora. Lá para fora!...
Ficará tudo bem aqui dentro.

Os quatro guardas saudaram e giraram sobre os calcanhares. Trevize e Branno ficaram a sós.



2 - P R E S I D E N T E



Havia uma hora que Branno estava à espera, pensando exaustivamente. Tecnicamente, ela era culpada de arrombamento e invasão. E mais, ela violara, de forma bastante inconstitucional, os direitos de um Conselheiro. Pelas leis estritas que regulavam e responsabilizavam os Presidentes — desde os tempos de Indbur III e do Mula, quase dois séculos antes —, ela era impugnável.

Neste dia em particular, contudo, durante vinte e quatro horas, ela não poderia fazer nada de errado.

Mas isso passaria. Ela remexeu-se com inquietação.

Os primeiros dois séculos tinham sido a Idade de Ouro da Fundação, a Era Heroica — pelo menos em retrospectiva, mas não para os infelizes que tinham vido nesses tempos inseguros. Salvor Hardin e Hober Mallow tinham sido os dois grandes heróis, quase endeusados ao ponto de rivalizarem com o incomparável Hari Seldon, ele próprio. Os três constituíam o

LIMITES DA FUNDAÇÃO

tripé sobre o qual toda a lenda da Fundação (e até a história da Fundação) assentava.

Nesses tempos, porém, a Fundação fora um mundo frágil, com um ténue controlo dos Quatro Reinos e apenas com uma consciência vaga de até que ponto o Plano Seldon mantinha a sua mão protetora sobre ela, cuidando dela até contra o que restava do poderoso Império Galáctico.

E quanto mais poderosa a Fundação se tornava como entidade política e comercial, menos significantes os seus governantes e lutadores pareciam tornar-se. Lathan Devers estava quase esquecido. Se de todo era recordado era mais pela sua morte trágica nas minas de escravos do que pela sua desnecessária, mas bem-sucedida, luta contra Bel Riose.

Quanto a Bel Riose, o mais nobre dos adversários da Fundação, também ele estava quase esquecido, posto na sombra pelo Mula, o único que entre os inimigos tinha rompido o Plano Seldon e derrotado e governado a Fundação. Só ele era o Grande Inimigo — na realidade, o último dos Grandes.

Era pouco recordado que o Mula fora, essencialmente, derrotado por uma só pessoa — uma mulher, Bayta Darell — e que ela tinha conseguido a vitória sem ajuda de ninguém, *até mesmo sem o apoio do Plano Seldon*. Por isso, quase estava esquecido que o seu filho e a sua neta, Toran e Arkady Darell, tinham derrotado a Segunda Fundação, deixando a Fundação, a *Primeira* Fundação, com a supremacia.

Estes vencedores recentes tinham deixado de ser figuras heroicas. Os tempos tinham-se tornado demasiadamente expansionistas para que não fosse possível fazer mais nada senão reduzir os heróis a vulgares mortais. Depois, também, a biografia que Arkady fez da sua avó tinha-a reduzido de heroína a figura de romance. E desde então não tinha havido heróis — nem mesmo figuras de romance. A guerra kalganiana fora o último momento de violência que submergira a Fundação e tinha sido um conflito de menor importância. Quase dois séculos de paz! Cento e vinte anos sem sequer uma nave arranhada.

Fora uma boa paz — Branno não o negaria —, uma paz proveitosa. A Fundação não tinha estabelecido um Segundo Império Galáctico — estava apenas a meio caminho disso, pelo Plano de Seldon — mas, enquanto Federação da Fundação, detinha um forte controlo económico sobre um terço das unidades políticas dispersas da Galáxia e tinha influência sobre as que não controlava. Existiam poucos lugares onde o «Eu sou da Fundação»

não fosse encarado com respeito. Não existia ninguém, em todos os milhões de mundos habitados, que tivesse posição mais elevada do que o Presidente de Terminus.

Aquele ainda era o título. Foi herdado do líder de uma única e pequena cidade, quase menosprezada, num mundo solitário nos longínquos confins da civilização, cerca de quinhentos anos antes, mas ninguém sonharia em mudá-lo ou dar-lhe mais um átomo que fosse de glória e esplendor. Tal como as coisas eram, apenas o totalmente esquecido título de Majestade Imperial poderia rivalizar com ele em matéria de reverência e temor.

Exceto na própria Terminus, onde os poderes do Presidente eram cuidadosamente limitados. A recordação dos Indburs permanecia ainda. Não era a sua tirania que as pessoas não conseguiam esquecer, mas o facto de terem perdido a favor do Mula.

E ali estava ela, Harla Branno, a mais forte a governar desde a morte do Mula (ela sabia disso) e apenas a quinta mulher a fazê-lo. Só neste dia fora capaz de usar a sua força abertamente.

Tinha lutado pela sua interpretação do que estava certo e do que deveria ser — contra a oposição obstinada daqueles que cobiçavam o prestígio do Interior da Galáxia e pela aura do poder imperial — e vencera.

Ainda não, dissera ela. Ainda não! Se saltarmos demasiado cedo para o Interior, perderemos por esta ou aquela razão. E Seldon aparecera e tinha-a apoiado numa linguagem quase idêntica à sua.

Isso tornara-a, durante algum tempo, aos olhos de toda a Fundação, tão sábia quanto o próprio Seldon. Contudo, ela sabia que eles poderiam esquecer-se disso a qualquer momento.

E aquele jovem ousou desafiá-la neste dia, entre todos os dias.

E ousou ter razão!

Era esse o perigo da coisa. Ele tinha razão, e por ter razão poderia destruir a Fundação!

E agora ela tinha-o à sua frente e estavam a sós.

Ela disse, com tristeza:

— Não poderia ter ido ver-me em privado? Tinha de dizer tudo aos gritos na Câmara do Conselho, no seu desejo idiota de me fazer passar por tola? O que fez você, seu miúdo desmiolado?



Trevize sentiu-se corar e lutou para controlar a ira. A Presidente era uma mulher em processo de envelhecimento, que faria sessenta e três anos no próximo aniversário. Hesitou em iniciar uma discussão aos gritos com alguém com quase o dobro da sua idade.

Além disso, ela tinha muita prática de guerras políticas e sabia que, se conseguisse pôr o seu oponente à defesa no princípio, a batalha estava quase ganha. Mas era necessária uma audiência para tornar essa tática eficaz e não havia nenhuma audiência perante a qual alguém pudesse ficar humilhado. Só estavam eles os dois.

Assim, ele ignorou as suas palavras e fez o melhor que pôde para a examinar desapassionadamente. Ela era uma mulher de idade, que usava a roupa unissexo que desde há duas gerações se tornara predominante. Não lhe assentava bem. A Presidente, a líder da Galáxia — se é que poderia haver um líder —, era apenas uma vulgar mulher de idade que poderia facilmente ser tomada por um homem de idade, a não ser pelo cabelo cinza-metálico preso atrás, em vez de ser deixado solto no tradicional estilo masculino.

Trevize sorriu de forma simpática. Por mais que uma oponente mais velha se esforçasse por tornar o epíteto «miúdo» soar como um insulto, este «miúdo» concreto tinha a vantagem da juventude e da boa aparência — e a plena consciência de ambas. Disse:

— É verdade. Tenho trinta e dois anos e, por conseguinte, sou um miúdo, de certa forma. E sou Conselheiro e, por conseguinte, *ex officio*, desmiolado. A primeira condição é inevitável. Quanto à segunda, apenas posso dizer que lamento.

— Você sabe o que fez? Não fique aí a esforçar-se por ter graça. Sente-se. Puxe pela cabeça e, se conseguir, responda-me racionalmente.

— Eu sei o que fiz. Disse a verdade, tal como a vi.

— E num dia como o de hoje tentou desafiar-me com ela? Neste preciso dia em que o meu prestígio é tal que pude expulsá-lo da Câmara do Conselho e prendê-lo sem que ninguém se atrevesse a protestar?

— O Conselho recuperará o fôlego e protestará. Podem estar a protestar

neste momento. E vão ouvir-me ainda mais pela perseguição a que me está a sujeitar.

— Ninguém o vai ouvir porque, se eu pensasse que você continuaria a fazer o que tem andado a fazer, continuaria a tratá-lo como traidor até ao limite da lei.

— Eu teria então de ser julgado, teria o meu dia no tribunal.

— Não conte com isso. Os poderes de um Presidente numa emergência são enormes, ainda que raramente sejam usados.

— Com que bases iria declarar uma emergência?

— Inventarei as bases. Ainda me resta essa ingenuidade, e não tenho medo de correr riscos políticos. Não puxe por mim, jovem. Vai chegar a um entendimento comigo aqui ou nunca mais voltará a ser livre. Ficará preso durante o resto da sua vida. Garanto-lhe.

Fitaram-se mutuamente: Branno de cinzento, Trevize em vários tons de castanho.

Trevize disse:

— Que género de acordo?

— Ah. Está curioso. É melhor assim. Então podemos iniciar uma conversa em vez de um confronto. Qual é o seu ponto de vista?

— Conhece-o bem. Tem andado a chafurdar na lama com o Conselheiro Compor, não é verdade?

— Quero ouvi-lo de *si*, à luz da Crise de Seldon por que acabámos de passar.

— Muito bem, se é isso que quer... Senhora Presidente! — Estivera à beira de lhe chamar «velha». — A imagem de Seldon foi demasiadamente correta, impossivelmente correta depois de quinhentos anos. Foi a oitava vez que ele apareceu, creio. Nalgumas ocasiões, não estava lá ninguém para o ouvir. Em pelo menos uma ocasião, no tempo de Indbur III, o que ele tinha para dizer estava totalmente desfasado da realidade... mas isso foi no tempo do Mula, não foi? Mas quando, em qualquer dessas ocasiões, esteve ele tão correto como esteve agora?

Trevize permitiu-se esboçar um pequeno sorriso.

— Nunca anteriormente, Senhora Presidente, até onde os nossos registos do passado vão, Seldon conseguiu descrever a situação tão perfeitamente, ao mais pequeno detalhe.

Branno disse:

— Está a sugerir que a aparição de Seldon, a imagem holográfica, é forjada; que as gravações de Seldon foram preparadas por um

LIMITES DA FUNDAÇÃO

contemporâneo, alguém como eu própria; que um ator desempenhou o papel de Seldon?

— Não é impossível, Senhora Presidente, mas não foi isso o que eu quis dizer. A verdade é bem pior. Acredito que a imagem que vemos seja a de Seldon, e que a sua descrição do momento atual da história seja a descrição que ele preparou há quinhentos anos. Disse isso mesmo ao seu homem, Kodell, que me guiou cuidadosamente através de uma charada na qual eu parecia apoiar as superstições do fundacionista irracional.

— Sim. A gravação será utilizada, se necessário, para permitir que a Fundação veja que você nunca esteve realmente na oposição.

Trevize abriu os braços.

— Mas estou. Não existe nenhum Plano Seldon no sentido em que nós acreditamos que exista, e não houve durante talvez dois séculos. Suspeito disso há anos, e aquilo por que passámos na Cripta do Tempo há doze horas prova-o.

— Porque Seldon foi demasiadamente exato?

— Precisamente. Não sorria. Essa é a prova final.

— Não estou a sorrir, como pode ver. Continue.

— Como poderia ele ter sido tão exato? Há dois séculos, a análise de Seldon do que era então o presente foi completamente errada. Tinham passado trezentos anos desde a instalação da Fundação e ele errou o tiro. Completamente!

— Isso, Conselheiro, você próprio o explicou ainda há pouco. Foi por causa do Mula. O Mula era um mutante com intenso poder mental e não havia forma de ter sido tido em conta no Plano.

— Mas ele estava lá na mesma, previsto ou não. O Plano Seldon descarrilou. O Mula não governou durante muito tempo e não teve sucessor. A Fundação reconquistou a sua independência e o seu domínio, mas como poderia o Plano Seldon ter voltado a recentrar-se depois de um rasgão tão grande na sua trama?

Branno assumiu uma expressão sombria e entrelaçou as mãos envelhecidas apertadamente.

— Sabe qual é a resposta a isso. Éramos uma de duas Fundações. Leu os livros de história.

— Li a biografia que Arkady fez da avó, leitura obrigatória na escola, afinal, e também li os seus romances. Li a versão oficial da história do Mula e do que veio depois. É-me permitido duvidar delas?

— De que forma?

— Oficialmente, nós, a Primeira Fundação, deveríamos reter o conhecimento das ciências físicas e fazê-las evoluir. Deveríamos operar abertamente, e o nosso desenvolvimento histórico seguiria, quer o soubéssemos ou não, o Plano Seldon. Contudo, havia também a Segunda Fundação, que deveria preservar e fazer avançar as ciências psicológicas, incluindo a psico-história, e a sua existência deveria constituir um segredo, mesmo para nós. A Segunda Fundação era a agência de afinação fina do Plano, agindo para ajustar as correntes da história galáctica, quando se afastassem dos caminhos delineados pelo Plano.

— Então responda a si próprio — disse a Presidente. — Bayta Darell derrotou o Mula, talvez sob a inspiração da Segunda Fundação, embora a sua neta insista que não foi assim. No entanto, foi sem dúvida a Segunda Fundação que trabalhou para fazer regressar a história galáctica de novo ao Plano depois de o Mula morrer, e, muito obviamente, conseguiu... Então, por Terminus, de que raio está você a falar, Conselheiro?

— Senhora Presidente, se seguirmos o relato de Arkady Darell, é claro que a Segunda Fundação, ao tentar corrigir a história galáctica, minou todo o esquema de Seldon, uma vez que, nessa tentativa de correção, eles destruíram o seu próprio secretismo. Nós, a Primeira Fundação, percebemos que a nossa imagem no espelho, a Segunda Fundação, existia, e não conseguiríamos viver sabendo que estávamos a ser manipulados. Por conseguinte, trabalhamos para encontrar a Segunda Fundação e destruí-la.

Branno assentiu.

— E conseguimos, de acordo com o relato de Arkady Darell, mas é muito óbvio que isso não aconteceu até a Segunda Fundação ter voltado a colocar a história galáctica firmemente nos carris, depois da disrupção do Mula. E ela continua nos carris.

— Consegue acreditar nisso? A Segunda Fundação, segundo o relato, foi localizada e os seus vários membros liquidados. Isso foi em 378 E.F., há cento e vinte anos. Ao longo de cinco gerações, temos supostamente operado sem a Segunda Fundação e, no entanto, ficámos tão perto do alvo, no que diz respeito ao Plano, que você e a imagem de Seldon falaram de forma praticamente igual.

— Isso pode ser interpretado no sentido de eu ter compreendido o significado de desenvolver a história com uma visão muito perspicaz.

— Perdoe-me. Não é minha intenção lançar dúvidas sobre a perspicácia da sua visão, mas a mim parece-me que a explicação mais óbvia é que a Segunda Fundação nunca foi destruída. Ela continua a governar-nos.

LIMITES DA FUNDAÇÃO

Continua a manipular-nos. E que *essa* é a razão de termos regressado ao carril do Plano Seldon.



Se a Presidente ficou chocada com a afirmação, não deu qualquer sinal disso.

Passava da uma hora da manhã e ela queria desesperadamente chegar ao fim daquilo, e, no entanto, não poderia apressar-se. O jovem tinha de ser trabalhado e ela não queria que ele partisse a linha de pesca. Não queria ter de se livrar dele inutilmente, quando poderia primeiro ser levado a desempenhar uma função.

Ela disse:

— A sério? Você diz então que a história da guerra kalganiana e da destruição da Segunda Fundação contada por Arkady era falsa? Um jogo? Uma mentira?

Trevize encolheu os ombros.

— Não tem de ser. Isso não interessa. Suponha que o relato de Arkady era completamente verdadeiro, de acordo com tudo o que ela sabia. Suponha que tudo ocorreu exatamente como Arkady disse que ocorreu; que o ninho da Segunda Fundação foi descoberto e que eles foram eliminados. Como é possível dizermos, porém, que apanhámos todos até ao último? A Segunda Fundação lidava com a Galáxia inteira. Não estavam apenas a manipular a história de Terminus ou até apenas da Fundação. As suas responsabilidades envolviam mais do que o nosso mundo-capital ou toda a nossa Federação. Haveria inevitavelmente alguns segundo-fundacionistas a milhares de parsecs de distância. É provável que os tenhamos apanhado a todos?

» E se não conseguimos apanhá-los todos, poderíamos dizer que vencemos? Poderia o Mula ter dito isso, no seu tempo? Ele tomou Terminus, e com ele todos os mundos por si controlados diretamente, mas os Mundos Comerciais Independentes continuaram. Ele conquistou os Mundos Comerciais; porém, restaram três fugitivos: Ebling Mis, Bayta Darell e o seu marido. Ele manteve os dois homens sob controlo e deixou Bayta, apenas

Bayta, sem controlo. Fez isso por sentimentalismo, a acreditar no romance de Arkady. E isso foi o suficiente. Segundo o relato de Arkady, uma única pessoa, apenas Bayta, ficou livre de fazer o que quisesse, e por causa das suas ações o Mula não foi capaz de localizar a Segunda Fundação e, por conseguinte, foi derrotado.

» Uma pessoa deixada à solta, e tudo foi perdido! É essa a importância da pessoa singular, apesar de todas as lendas que rodeiam o Plano Seldon e que dizem que o individual não conta e que a massa é tudo.

» E se deixámos, não apenas um segundo-fundacionista, mas várias dezenas, como parece perfeitamente provável, o que acontece? Não se iriam unir, reconstruir as suas fortunas, retomar novamente as suas carreiras, multiplicar o seu número através de recrutamento e treino, e uma vez mais transformar-nos a todos em peões?

Branno disse, gravemente:

— Acredita nisso?

— Tenho a certeza disso.

— Mas, diga-me, Conselheiro. Por que razão haveriam de se dar a esse trabalho? Por que razão haveria essa lamentável remanescência de continuar apegada a um dever que ninguém acolhe? O que os leva a manter a Galáxia no seu rumo para o Segundo Império Galáctico? E se esse pequeno bando insiste em cumprir a sua missão, porque haveríamos nós de nos importar? Porque não aceitar o caminho do Plano e ficar gratos por eles se encarregarem de verificar que não nos desviamos ou nos perdemos?

Trevize levou uma mão aos olhos e esfregou-os. Apesar da sua juventude, ele parecia o mais cansado dos dois. Olhou a Presidente e disse:

— Não posso acreditar. Tem a impressão de que a Segunda Fundação está a fazer isto por nós? Que são uma espécie de idealistas? Não é claro, pelo seu conhecimento da política, das questões práticas do poder e da manipulação, que eles fazem isto por si próprios?

» Nós somos a linha da frente. Somos o motor, a força. Trabalhamos e suamos, sangramos e choramos. Eles limitam-se a controlar, ajustando um amplificador aqui, fechando um contacto ali, e fazendo tudo isso com facilidade e sem que eles próprios corram riscos. Depois, quando tudo estiver feito e quando, após mil anos de duros esforços, tivermos estabelecido o Segundo Império Galáctico, as pessoas da Segunda Fundação mudar-se-ão para lá como elite governante.

— Então quer eliminar a Segunda Fundação? Tendo feito metade do

LIMITES DA FUNDAÇÃO

caminho para o Segundo Império, quer ter a oportunidade de terminar a tarefa por conta própria e servir como a nossa própria elite? É isso?

— Certamente! Certamente! Não é isso o que você também deveria querer? Você e eu não viveremos para o ver, mas você tem netos e um dia eu também posso vir a ter, e eles terão netos, e por aí fora. Quero que eles recebam o fruto do nosso labor e quero que olhem para trás e nos vejam como a origem, e nos louvem por aquilo que realizámos. Não quero que tudo caia por culpa de uma conspiração oculta concebida por Seldon, que, para mim, não é nenhum herói. Estou a dizer-lhe que ele é uma ameaça maior do que o Mula, se permitirmos que o Plano vá por diante. Pela Galáxia, gostaria que o Mula *tivesse* desfeito o Plano completamente, e para sempre. Ter-lhe-íamos sobrevivido. Ele era único, e totalmente mortal. A Segunda Fundação parece ser imortal.

— Mas você gostaria de destruir a Segunda Fundação, não é isso?

— Se eu soubesse como!

— Uma vez que não sabe como, não acha bastante provável que eles o destruam a si?

Trevize assumiu um ar de desdém.

— Passou-me pela cabeça que até você pudesse estar sob o controlo deles. A sua suposição certa em relação ao que a imagem de Seldon diria e a forma como me tratou em seguida, tudo isso poderia ser a Segunda Fundação. Poderia ser uma concha oca com um recheio de Segunda Fundação.

— Então porque está a falar comigo desse modo?

— Porque se estiver sob o controlo da Segunda Fundação, eu estou perdido de qualquer modo e nesse caso bem posso deitar cá para fora alguma da fúria que sinto em mim... e porque, na realidade, aposto que você não está sob o controlo deles, que simplesmente não tem consciência do que faz.

Branno disse:

— De qualquer modo, essa aposta está ganha. Não estou sob o controlo de ninguém, a não ser o meu próprio. Ainda assim, como pode ter a certeza de que estou a dizer a verdade? Se eu estivesse sob o controlo da Segunda Fundação, admitiria tal coisa? Saberá, eu própria, que estava sob o controlo deles?

» Mas não ganhamos nada com essas perguntas. Eu acredito que não estou a ser controlada e você não tem outra alternativa senão também acreditar nisso. Porém, considere isto. Se a Segunda Fundação existir, é certo

que a sua maior necessidade é assegurar-se de que ninguém na Galáxia saiba que ela existe. O Plano Seldon só funciona bem se os peões, nós, não tiverem consciência de como o Plano funciona e de como são manipulados. Foi devido ao facto de o Mula ter centrado a atenção da Fundação na Segunda Fundação que esta foi destruída no tempo de Arkady... Ou deveria dizer *quase* destruída, Conselheiro?

» Daqui podemos deduzir dois corolários. Primeiro, podemos razoavelmente supor que, de modo geral, eles interferem o menos possível. Podemos assumir que seria impossível dominar-nos a todos. Até mesmo a Segunda Fundação, se existir, deve ter limites ao seu poder. Dominar alguns e deixar que outros adivinhem esse facto introduziria distorções no Plano. Em consequência, chegamos à conclusão de que a sua interferência é tão delicada, indireta e rara quanto possível; e, por conseguinte, eu não estou controlada. Nem você está.

Trevize disse:

— Esse é um corolário e eu inclino-me a aceitá-lo, talvez por desejar que seja assim. Qual é o outro?

— Um mais simples e mais inevitável. Se a Segunda Fundação existe e deseja guardar segredo sobre a sua existência, então uma coisa é certa. Alguém que pense que ela ainda existe, e fale acerca disso, e anuncie e grite o facto a toda a Galáxia, deve, de alguma forma subtil, ser removido por eles imediatamente, apagado, eliminado. Não seria essa também a sua conclusão?

Trevize disse:

— Foi por isso que me pôs sob custódia, Senhora Presidente? Para me proteger da Segunda Fundação?

— De certa forma. Em certa medida. O cuidadoso registo que Liono Kodell fez das suas convicções será tornado público não só para impedir o povo de Terminus e a Fundação de serem indevidamente perturbados pela sua conversa parva, mas também para impedir que a Segunda Fundação seja perturbada. Se existe, não quero que você atraia a atenção dela sobre si.

— Imagine-se — disse Trevize com pesada ironia. — Por minha causa? Pelos meus lindos olhos castanhos?

Branno mexeu-se e, depois, quase sem aviso prévio, riu-se baixinho. Disse:

— Não sou assim tão velha, Conselheiro, que não tenha noção de que você tem lindos olhos castanhos, e há trinta anos esse podia ter sido motivo

LIMITES DA FUNDAÇÃO

suficiente. Nesta altura, contudo, não mexeria uma palha para os salvar, ou o resto de si, se fossem apenas os seus olhos que estivessem envolvidos. Mas se a Segunda Fundação existe, e se você atrair sobre si a atenção dela, eles podem não se contentar só consigo. Há a minha vida a ter em consideração, e a de numerosos outros de longe mais inteligentes e valiosos do que você... e todos os planos que fizemos.

— Ah! Então acredita que a Segunda Fundação existe e por isso reage tão cautelosamente à possibilidade da sua resposta?

Branno bateu com o punho sobre a mesa à sua frente.

— Claro que acredito, seu refinado idiota! Se eu não soubesse que a Segunda Fundação existe, e se não a combatesse tão dura e eficazmente quanto me é possível, importar-me-ia com o que você diz sobre um tal assunto? Se a Segunda Fundação não existisse, teria alguma importância que você andasse a anunciar que existe? Durante meses, desejei silenciá-lo, antes que viesse a público, mas faltava-me o poder político para lidar à bruta com um Conselheiro. A aparição de Seldon deu-me boa imagem e poder, ainda que apenas temporariamente, e, nesse momento, você veio *de facto* a público. Agi de imediato e agora matá-lo-ei sem uma ponta de remorso ou um microssegundo de hesitação, se não fizer exatamente o que eu lhe disser.

» Toda a nossa conversa até agora, a uma hora em que preferiria estar na cama e a dormir, foi concebida para o fazer acreditar em mim ao dizer-lhe isto. Quero que saiba que o problema da Segunda Fundação, que eu tive o cuidado de o fazer delinear, dá-me razão e inclinação suficientes para lhe desligar o cérebro sem julgamento.

Trevize soergueu-se do seu lugar.

Branno disse:

— Oh, não se mexa. Sou apenas uma velha, como está sem dúvida a dizer a si mesmo, mas estaria morto antes de conseguir pôr-me as mãos em cima. Está sob observação da minha gente, seu tolinho.

Trevize sentou-se. Disse, um pouco tremulamente:

— Não faz sentido. Se acreditasse que a Segunda Fundação existia, não estaria a falar disso tão abertamente. Não se exporia aos perigos em relação aos quais você diz que eu me estou a expor.

— Reconhece então que eu tenho um pouco mais de bom senso do que você. Por outras palavras, você acredita que a Segunda Fundação existe e, no entanto, fala abertamente sobre isso, porque é tolo. Eu acredito que ela existe, e também falo abertamente, mas apenas porque tomei precauções.

Uma vez que parece ter lido cuidadosamente a história de Arkady, deve lembrar-se de que ela diz que o pai inventou o que ela chama um «Dispositivo de Estática Mental». Ele serve de escudo contra o tipo de poder mental que a Segunda Fundação tem. Ainda existe e foi também aperfeiçoado em condições de grande secretismo. Esta casa está, por agora, razoavelmente segura em relação à sua intromissão. Isto entendido, deixe-me dizer-lhe o que você tem de fazer.

— O que é?

— Tem de descobrir se o que você e eu pensamos é na verdade assim. Tem de descobrir se a Segunda Fundação ainda existe e, se sim, onde. Isso significa que terá de deixar Terminus e ir não sei para onde... mesmo que no final se venha a saber que, tal como no tempo de Arkady, a Segunda Fundação existe no meio de nós. Isso significa que não regressará até ter alguma coisa para nos dizer; e se não tiver nada para nos dizer, não regressará nunca, e a população de Terminus ficará com menos um idiota.

Trevize deu por si a gaguejar.

— Como é que, por Terminus, eu os posso procurar sem me denunciar? Vão simplesmente arranjar maneira de eu morrer, e você não ficará a saber mais.

— Então não os procure, criança ingênua. Procure outra coisa qualquer. Procure outra coisa qualquer de alma e coração, e se, no processo, deparar com eles, porque não se deram ao trabalho de lhe prestar qualquer atenção, ótimo! Pode, nesse caso, enviar-nos a informação através de hiper-onda protegida e codificada, e pode então regressar, como recompensa.

— Suponho que tem alguma coisa em mente em relação ao que eu deveria procurar.

— Claro que tenho. Conhece Janov Pelorat?

— Nunca ouvi falar dele.

— Conhecê-lo-á amanhã. Ele dir-lhe-á aquilo que procuram e partirá consigo numa das nossas naves mais avançadas. Serão apenas os dois, porque já é bastante arriscar dois. E se alguma vez tentar regressar sem nos garantir que tem o conhecimento que queremos, será feito explodir no espaço antes de chegar a um parsec de Terminus. É tudo. Esta conversa terminou.

Ela levantou-se, olhou as mãos nuas e depois, lentamente, calçou as luvas. Virou-se para a porta e entraram por ela dois guardas, de armas na mão. Afastaram-se para a deixar passar.

Na ombreira da porta, ela voltou-se.

LIMITES DA FUNDAÇÃO

— Há outros guardas do lado de fora. Não faça nada que os perturbe ou poupar-nos-á ao trabalho da sua existência.

— Então perderá também os benefícios que eu possa trazer-lhe — disse Trevize e, com esforço, conseguiu dizê-lo com ligeireza.

— Arriscaremos isso — disse Branno com um sorriso grave.



Liono Kodell estava à espera dela do lado de fora. Disse:

— Ouvi tudo, Presidente. Foi extraordinariamente paciente.

— E estou extraordinariamente cansada. Parece que o dia teve setenta e duas horas. Agora, você assume o controlo.

— Com certeza, mas diga-me... havia realmente um Dispositivo de Estática Mental em redor da casa?

— Oh, Kodell — disse Branno com cansaço. — Já devia saber como é. Qual era a hipótese de alguém estar a espiar? Imagina que a Segunda Fundação vigia tudo, em todo o lado, a toda a hora? Não sou romântica como o jovem Trevize é; ele pode pensar assim, mas eu não. E mesmo que fosse esse o caso, se os olhos e ouvidos da Segunda Fundação estivessem em toda a parte, a presença de um DEM não nos teria denunciado imediatamente? E, por isso mesmo, a sua utilização não teria mostrado à Segunda Fundação a existência de um escudo contra os seus poderes, assim que detetasse uma região mentalmente opaca? O segredo da existência de um tal escudo não é, até estarmos preparados para o utilizar plenamente, algo que valha não só mais do que Trevize, mas mais do que você e eu juntos? E, no entanto...

Estavam no interior do carro terrestre, com Kodell ao volante.

— E, no entanto... — disse Kodell.

— E, no entanto, o quê? — disse Branno. — Ah, sim. E, no entanto, aquele jovem é inteligente. Chamei-lhe idiota de várias formas, por meia dúzia de vezes, apenas para o pôr no seu lugar, mas ele não é tal. É jovem, leu demasiados romances de Arkady Darell, e eles fizeram-no pensar que é assim que a Galáxia é, mas ele é rápido e tem intuição e será uma pena perdê-lo.

— Tem a certeza então de que ele se vai perder?

— Bastante — disse Branno, com tristeza. — Na mesma, é melhor assim. Não precisamos de jovens românticos a investir cegamente e esmagando, num instante talvez, o que nos levou anos a construir. Além disso, ele servirá um propósito. Irá seguramente atrair a atenção dos segundo-fundacionistas, sempre partindo do princípio de que eles existem e que estão realmente interessados em nós. E enquanto são atraídos por ele, vão porventura ignorar-nos a nós. Talvez possamos ganhar mais do que a boa fortuna de sermos ignorados. Eles poderão, esperemos, denunciar-se inadvertidamente na sua preocupação com Trevize, e dar-nos oportunidade e tempo para conceber contramedidas.

— Trevize, então, atraí os raios.

Branno torceu os lábios.

— Ah, aí está a metáfora de que eu andava à procura. Ele é o nosso para-raios, absorvendo o golpe e protegendo-nos do mal.

— E este Pelorat, que vai estar também na trajetória do raio?

— Também pode sofrer. Isso não pode ser evitado.

Kodell anuiu.

— Bem, você sabe o que Salvor Hardin costumava dizer: «Nunca deixes o teu senso moral impedir-te de fazer o que está certo.»

— De momento, não tenho nenhum senso moral — murmurou Branno. — Apenas me sinto cansada até aos ossos. E, no entanto, poderia nomear um certo número de pessoas que preferiria perder em vez de Golan Trevize. Ele é um jovem muito belo. E, é claro, sabe disso. — Arrastou as últimas palavras ao fechar os olhos e cair num sono leve.